



## SENTIDO DA VIDA E SOCIOPOÉTICA: CONSTRUÇÃO COLETIVA DO CONHECIMENTO NA TERAPIA OCUPACIONAL NA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

JOYCE CHAVES DE SOUZA ARAUJO<sup>1</sup>

NOELLE PREDROZA SILVA<sup>1</sup>

MARCIA KAROLYNE QUADROS<sup>1</sup>

ANGELA MARIA BITTENCOURT<sup>2</sup>

### RESUMO

O viver constitui fator importante e revelador da espiritualidade humana, que muitas vezes é afetada pelas situações de sofrimento e adoecimento. Pensando nisso, desenvolvemos um estudo, cujo objetivo é produzir conceitos de sentido da vida junto a mulheres vítimas de violência doméstica. O caminho metodológico escolhido foi a sociopoética, método desconstrutivista que entende que as participantes da pesquisa são co-pesquisadoras, que juntas formam o grupo-pesquisador e produzem conhecimento. Esse grupo foi formado por 10 mulheres atendidas no Centro de Referência de Assistência Social de Realengo no Rio de Janeiro. A produção aconteceu em quatro oficinas, uma de negociação, duas de produção propriamente dita e uma oficina de análise. Os dados surgiram do grupo-pesquisador e foram analisados com base nas análises: plástica: classificatória; transversal e surreal. Os conceitos produzidos foram o sentido: medo; poço; ponte; túnel/luz; caminho; encontro; e Deus. Esses *confetos*, junção de conceitos e afeto, mostraram as possibilidades que o sentido da vida pode representar para as pessoas ao enfrentarem a violência. Neles encontramos a força e a motivação para superar as adversidades e manter-se viva, percepção das realizações como importante para a construção de sentido, esperança de dias melhores, encontro de sentido na agressão e na fé, e das relações afetivas estabelecidas durante a vida. Os *confetos* produziram ressonâncias para a terapia ocupacional, constataram-se paralelos entre os saberes, além da contribuição de novas perspectivas para o cuidado clínico e da descoberta de potencialidade do grupo-pesquisador. Espera-se que esse estudo motive novas pesquisas sobre o assunto.

**Palavras Chaves:** Terapia Ocupacional, Violência Doméstica, Sociopoética Saúde da Mulher.

<sup>1</sup> Bolsista de Iniciação Científica do CNPq e Proext/Mec de Terapia Ocupacional do IFRJ

<sup>2</sup> Bolsista de Pós-Doutorado do CAPES, Terapeuta Ocupacional, Docente de terapia Ocupacional do IFRJ



No Brasil, o tema violência doméstica se insere como parte da agenda da Saúde Pública principalmente a partir da década de 80, com a criação do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM) em 1984 pelo Ministério da Saúde, que veio romper com o modelo de saúde para as mulheres das décadas anteriores, quando grande parte dos programas preconizava ações materno-infantis limitando assim a saúde da mulher a gravidez e ao parto, demonstrando uma visão restrita sobre a mulher, baseando-se em sua especificidade biológica e no seu papel social de mãe e doméstica, tendendo a se consolidar no final dos anos 90. O reconhecimento da importância da violência se deve por um lado, na própria ampliação contemporânea da consciência do valor da vida e dos direitos de cidadania, por outro, nas observações sobre as mudanças no perfil da morbimortalidade no mundo e no país (BRASIL, 2005).

As consequências físicas não fatais decorrem de lesões como feridas na boca, sangramento no nariz, ruptura do tímpano, inflamação no tórax, problemas circulatórios, dores físicas que impedem a realização de atividades diárias, palpitações, tremedeiras, dores na coluna lombar, cefaleia, queixas somáticas, desordens gástricas associadas com estresse crônico e hipertensão.

No que se referem à saúde reprodutiva as mulheres vítimas de violência do parceiro íntimo são mais frequentemente afetadas do que as não agredidas pelo parceiro. A vítima pode apresentar doenças sexualmente transmissíveis, infecções vaginais, baixo desejo sexual, dores pélvicas crônicas e infecções do trato urinário (CAMPBELL e COKER; 2002). Enquanto que na saúde mental essas mulheres apresentam depressão, ansiedade, baixa autoestima, insônia e transtornos de humor (ALMEIDA, 2001).

O Pacto Nacional pelo Enfrentamento à Violência Contra a Mulher foi lançado em agosto de 2007 como parte da Agenda Social do Governo Federal e consiste num acordo federativo entre o governo federal, os governos dos estados e dos





sensibilidade própria dos sentidos, mas também a liberdade, a criatividade, a subjetividade, a intuição, a comunicação e o acolhimento.

O modelo de desempenho ocupacional é baseado na perspectiva centrada no cliente, recuperando e raízes humanistas da profissão. Sobre este ponto de vista neste modelo, as pessoas são seres espirituais e agentes ativos, com potencial para identificar, escolher e se envolver em ocupações, cujo resultado é uma relação dinâmica entre a pessoa, o ambiente e a ocupação no decorrer da vida, possibilitando a capacidade de escolher, de organizar e de desenvolver satisfatoriamente ocupações significativas que são culturalmente importantes para seu cliente e definidas como adequadas à idade, cuidados pessoais (autocuidado), ao gozo da vida (lazer) se cuidar (saúde) e contribuir para o tecido social e econômico das suas comunidades (produtividade).

Esse modelo é sensível à realidade social do nosso tempo, marcada pela marginalização de amplos setores da sociedade, a sua discriminação por razões econômicas, de raça, sexo ou ter uma deficiência. Os terapeutas ocupacionais reconhecem a importância da criação de ambientes acessíveis e de prestar apoio, vindo reforçar o sentido, a conexão por meio da inclusão daqueles que foram marginalizados, com outras pessoas, em ocupações significativas.

Neste sentido, estabeleceremos diálogos, debates e discussões acerca do cotidiano das mulheres e de seus filhos vítimas de violência com significativa troca de saberes e de vivências, com ênfase em “Gênero e Violência contra a Mulher - enfocando a questão da violência sexual e doméstica”, os quais irão enriquecer as aulas de Terapia Ocupacional na Saúde da Mulher.

### 1.3. A Sociopoética

O método da sociopoética foi fundado pelo filósofo e pedagogo francês Jacques Gauthier, após suas experiências de estranhamento em terras alheias à sua cultura de origem, na Nova Caledônia/Kanaky, no Pacífico Sul e no Brasil, particularmente, na Bahia.

# 18º REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Na sociopoética, o conhecimento é criado a partir de produção (atividade artística), análise, avaliação e discussão dos dados de forma coletiva, pelos próprios sujeitos da pesquisa (grupo pesquisador). As categorias a serem criadas terão como base o imaginário (interface entre o real e o simbólico), cujo questionamento é amplo; aberto a teorias múltiplas, pois por meio das recordações de experiências poderemos viajar dentro de nós mesmo e buscarmos o sentido do nosso eu.

Neste contexto, Jung (2001) refere que o inconsciente é dinâmico está sempre em movimento, os seus conteúdos pessoais (adquiridos durante a vida) e mais as das produções do próprio inconsciente (coletivo), produzindo conteúdos, reagrupando os existentes e trabalhando numa relação compensatória e complementar com o consciente.

Winnicott (1975) refere que ao desenvolver pesquisas que mexem com o sonho e a brincadeira, amplia o espaço-tempo coletivo transacional, pois o poder de sonhar existe entre gerações, classes sociais, raça e cultura, gêneros, etc. Assim sendo, ao se utilizar a poética crítica, onde o coletivo produz análises sem ilusões, lúcidas e enérgicas da situação e do problema tratado, cujo grupo-pesquisador (GP) se constitui num grupo-sujeito, autor e ator, do conhecimento e da vida. Este dispositivo, tempo-espacial, propicia o surgimento do novo, do heterogêneo, do singular, abrindo a vida para devires inesperados e criadores (GAUTHIER *et al*, 2005) criando objetos de pensamento que nem sempre são conceitos e nem afetos, mas estranha mistura que se denomina de conceito-afeto ou confetos.

Como ponto de referência, o corpo que sofre agressão, traz em sua essência seu estado individual de sentimentos, emoções, prazer, desprazer, sofrimentos que são únicos como experiências pessoais. Corpos que em determinado momento que não seguem as normas sociais e nem as exigências culturais que os regulam, saem dos limites. Limites esses, que transcendentos se instalam no campo da subjetividade e da projeção de desafetos que bloqueiam o emocional.

A sociopoética, não se interessa apenas pela expressão oral dos pesquisados, como se faz numa entrevista, por exemplo, mas segundo Gauthier (1999.), obtém-se “caracterizado pela atenção consciente do entrevistado ao conteúdo da sua fala” (1999, p.14). Isto porque, nesta técnica, prioriza-se as dimensões do conhecer humano, qual seja: a racionalidade. Daí, a sociopoética recomendar que se recorra a técnicas que explorem outros sentidos do corpo para se produzir dados misturados de emoção, intuição e razão, possibilitando dessa maneira a emergência de novos devires<sup>3</sup>.

Dessa forma, espera-se: “[...] um compartilhar das atividades do grupo e também dos processos subjetivos, os interesses e afetos que fazem parte do cotidiano das pessoas e dos grupos”. Com isso, criar um processo dialógico, estruturado na troca de saberes e de experiências entre as mulheres e a academia com perspectivas de se instituir novos conhecimentos, sem o intuito de conclusões hierarquizadas, mas sim, de saberes nascidos do cotidiano, das experiências e do saber e fazer dessas mulheres (SILVA, 2005).

Além, de elaborar e desenvolver estratégias para articular o serviço de Terapia Ocupacional do IFRJ como forma a garantir atendimento qualificado e humanizado, capaz de “acolher” adequadamente as vítimas de violência doméstica.

<sup>3</sup> Devires são maneiras de experimentar novas subjetividades, rompendo assim com os sentidos instituídos e as cristalizações.





desenho, teve-se a impressão de tratar-se de desenhos infantis, seus traços não são medidos, nem muito menos articulados intencionalmente, são despretensiosos como orientado na oficina. Os desenhos foram dispostos em uma ou mais folhas de papel A4, como um filme. Há muitas similaridades percebidas nos desenhos, as cenas se desenvolvem de uma para a outra ficando evidente no desenrolar de algumas histórias de violência.

Quase todos os desenhos são planos, dando ideia de apenas uma dimensão, exceto o primeiro desenho apresentado, no qual se nota uma perspectiva de profundidade e de movimento. Percebeu-se na análise que estes estão imbricados intimamente com as experiências de vida, experiências da violência e de sofrimentos, de privações e de abundâncias, de limitações e de potencialidades dos co-pesquisadoras, num paradoxo da representação real e fiel da vida.

Na análise plástica da produção do grupo se revelou um momento importante da pesquisa, visto que se constitui de dispositivo para o surgimento do novo e do estranho, nunca pensado ou verbalizado, além de permitir a imaginação fluir, sem saber conscientemente onde ela levaria.

Observaram-se atentamente as figuras, percebeu-se que se tratava de pinturas com aspectos primitivistas, devido ao seu traçado despretensioso, à ausência de técnica e à mistura para originar cores secundárias. A riqueza e a expressividade são marcas da simplicidade das pinturas.

As cores são expressivas, nada de cores escuras e tons neutros, vê-se cores vibrantes, vermelho, amarelo, rosa, azul; cinza; preto e, discretamente, o verde. Foi utilizada basicamente apenas uma cor nas obras, em outras, cores levemente associadas. O vermelho é a cor que mais está presente e se repete nas pinturas

Há nas pinturas muitos espaços vazios. Os desenhos em sua maioria estão nos centros das telas, dispostos ora de forma a possibilitar uma similaridade, ora de forma irregular e descentralizada. Percebe-se em duas obras um contorno feito e, em outra, a delimitação dos desenhos, dando a ideia de continuidade e fechamento, o que não ocorre nas demais.



# 18º REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



comunicar de vontade e sentido. Essa ponte é que a une ao agressor, em primeiro lugar, a fé, que a sustenta e lhe dá força para continuar vivendo. Depois vem tudo: filhos, família, amigos... A agressão pode ser um transeunte na vida, pois ela vai se sustentando na fé, e agradecendo a Deus por estar vivo, e não sofrer violência cotidianamente. O viver deixa marcas profundas, mas a ponte simboliza muitas coisas: desafios, convites a mudanças. E respondendo que a vida tem sentido, sim, se for preciso mudar, a mulher opta pela mudança.

Em meios dos túneis, que escondem as agruras da vida, como grande espaço tenebroso, porque desde muito se luta, pelo cessar das agressões e não se consegue. Essa vontade de viver é como uma pequena luz que se avizinha à medida que se enfrenta a escuridão desse túnel e muitas são as formas de luzes no fim do túnel: a família, os filhos, os amigos... isso é que traz força para viver.

Mas a violência também é caminho, pois as dificuldades enfrentadas na dor e na agressão; faz com que elas busquem um local melhor, e nesse caso a profissionalização, que poderá vir por meio das oficinas geradoras de rendas ou pela Terapia Ocupacional, pois muitas vezes sua própria casa simboliza um lugar desolado, de sofrimento, de agressão, de vergonha, de medo e privação, sem ninguém.

O sentido da violência transita onde houver vida, mesmo em lugar como a sua residência, ou em lugares públicos, com águas calmas ou perigosas, em lugares profundos como os poços e desconhecidos túneis. Sempre se espera a primavera no qual o agressor não a agrida mais, cujo clima familiar se torna agradável e a ocorra fartura de harmonia, onde paire a luz no fim do túnel.

Na análise Surreal, optou-se por cartografar os lugares geomíticos, dispositivo este escolhido na oficina. Pode-se dizer, por meio desta, que ela juntou, tirou e acrescentou elementos que contribuíram com a análise. Escolheu-se a partir dos lugares descritos pelo grupo, juntar todos em um lugar, “O bairro dos Sentidos”.

O primeiro confeto que se destacou foi **Sentido Medo/Mar de Rosas**. Entendeu-se que esse sentido da vida traz mais esclarecimentos na perspectiva que

Essa motivação é, às vezes, consequência do vazio existencial vivido no sofrimento, na agressão ou no isolamento forçado ou imposto que a faz procurar e,

Para Frankl (1994), é a partir da aflição que surge um olhar de interrogação, de queixa, de desafio ou de súplica, empreende-se uma luta para compreender o que aconteceu ou está acontecendo e, nessa busca para entender, encontra-se o



Vasconcelos (2006) afirma que a espiritualidade vivenciada por meio da religião ou de fé pressupõe conhecimento dos próprios limites e possibilidades, não é um ato de simples resignação e, sim, uma atitude corajosa e humilde de alguém que sabe que sua vida está voltada para um ser mais, um partilhar mais, um desprender-se.

1167



É necessário ressaltar a importância que esse estudo tem para a Terapia Ocupacional, utilizando a sociopoética como caminho metodológico. Primeiramente, porque nos ensina que não somos os detentores do saber. Percebe-se que há outros saberes tão ricos e profundos; quanto àquele que se aprende na academia e estes provem das pessoas que menos se considera como ativas no processo de cuidar.

Este estudo também mostra a grande oportunidade de favorecer o cuidado por meio de oficinas, os *confetos* trouxeram contribuições importantes para a terapia ocupacional. Espera-se que tudo o que foi apresentado aqui possa agenciar novas possibilidades e mobilizar novas pesquisas sobre o assunto.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A.P.F. A Dor Como Pedido de Socorro: Investigação de Histórias de Violência em Mulheres com Queixa de Dor. Fundação Oswaldo Cruz, Instituto Fernandes Figueira, Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. 2001
- BRASIL. Ministério da Saúde. Temático Prevenção de Violência e Cultura de Paz III. – Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde, 2008.
- CAMPBELL, J.C. Intimate Partner Violence and Physical Health Consequences. Arch Intern Med, 2002, 162:1157-1163
- COFFITTO, Terapia Ocupacional. Disponível em: <[www.coffito.org.br](http://www.coffito.org.br)>. Acesso em: 10 ago. 2014.
- DAY, V.P.; et al. Violência Doméstica e Suas Manifestações. R. Psiquiatria, 25(suplemento 1):9-21. Rio Grande do Sul. 2003
- FRANKL V.E. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. Trad. de Helga Hinkenickel Reinhold. 2ª ed. Petrópolis: Vozes / São Leopoldo, Sinodal, 1991.
- FRANKL V.E. A presença ignorada de Deus. Trad. de Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, Petrópolis: Vozes, 1992.
- FRANKL V. E. Logoterapia y análise existencial: textos de cinco décadas. Trad. de José A. de Prado Díez, Rolando Wenzel e Izidro Arias. 2. ed. Barcelona: Helder, 1994.
- FRANKL V. E. Sede de sentido. Trad. de Henrique Elfes. 3. ed. São Paulo: Quadrante, 2003.
- GAUTHIER, J. Z. Sociopoética: encontro entre artes, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais, enfermagem e educação. Rio de Janeiro: Ed. Anna Nery/UFRJ, 1999.

